

**Ouvir e Ler o que Mulheres Dizem e Escrevem: literatura com temática lésbica***Oír y Leer lo que las Mujeres Dicen y Escriben: literatura con temática lésbica**Hearing and Reading what Women Say and Write: literature with a lesbian theme***Claudete Camargo Pereira Basaglia**

**Resumo:** O texto “Ouvir e ler o que mulheres dizem e escrevem: literatura com temática lésbica”, retrata um estudo apoiado na premissa de que a literatura não pode pertencer apenas a determinadas categorias, é preciso ser considerada como direito. Ela dá a base para o objetivo de se verificarem aspectos do fazer literário, de temas tratados e da leitura da literatura com temática lésbica. Compõe o estudo um *corpus* de mulheres lésbicas e bissexuais colaboradoras da pesquisa de campo. Nele, os escritos literários com temática lésbica são compreendidos como conteúdos que retratam histórias de personagens que questionam e resistem ao *status quo* da heteronormatividade imposta às mulheres, até mesmo em sua parcela que retrata a tripla marginalização: ser mulher, negra e lésbica. Ao realizar-se no Brasil, esse estudo adentra em território de vozes não autorizadas, o que o leva a ter importância política e preocupação com a diversidade de vozes.

**Palavras-chave:** Literatura. Temática Lésbica. Autoras. Leitoras.

**Resumen:** El texto “Oír y leer lo que las mujeres dicen y escriben: literatura con temática lésbica” registra un estudio apoyado en la premisa de que la literatura no puede pertenecer sólo a determinadas categorías, tiene que ser considerada como derecho. Ella da la base para el objetivo de verificar aspectos de la producción literaria, de temas abordados y de lectura de la literatura con temática lésbica. El *corpus* de este estudio está compuesto por mujeres lésbicas y bisexuales colaboradoras en el trabajo de campo. En él, los textos literarios con temática lésbica son comprendidos como contenidos que registran historias de personajes que cuestionan y resisten al *status quo* de la heteronormatividad impuesta a las mujeres, incluso en la parcela que retrata la triple marginalización: ser mujer, negra y lésbica. Al realizarse en Brasil, entra en un territorio de voces no autorizadas, lo que le da importancia política y preocupación con la diversidad de voces.

**Palabras clave:** Literatura. Temática Lésbica. Autoras. Lectoras.

**Abstract:** The text “Hearing and reading what women say and write: literature with a lesbian theme” portrays a study based on the premise that literature cannot belong to determined categories, it must be thought of as a right. It gives a basis for the objective of verifying aspects of the literary production, of the themes addressed and of the reading of literature with lesbian themes. The study is made up of a *corpus* of lesbian and bisexual women who collaborated with the field research. In the study the literary works with lesbian themes are understood as content that portrays stories of characters who question and resist the *status quo* of the heteronormativity imposed on women, including those who portray the triple marginalization: being a woman, being black and being a lesbian. Having been carried out in Brazil, this study enters the territory of non authorized voices, which gives it political importance and the preoccupation with the diversity of voices.

**Keywords:** Literature. Lesbian Themes. Authors. Readers.

**Claudete Camargo Pereira Basaglia** – Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero de Araraquara (NEGA), ligado à Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Araraquara-SP. Doutora em Sociologia pela UNESP/Araraquara; Mestra em Educação pela UNICAMP; Graduada em Ciências Sociais pela PUC-Campinas. E-mail: [claudete.sociologia@gmail.com](mailto:claudete.sociologia@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Temos que pensar na literatura como direito. As classes subalternas têm que se apropriar da escrita e da literatura, pois ela não pode pertencer somente a determinadas categorias. (Conceição Evaristo. *O tempo*, 2017)

O pressuposto destes escritos está referido na afirmação da epígrafe de que a literatura “não pode pertencer somente a determinadas categorias, temos de pensar na literatura como direito” e, com base nessa premissa, apresenta-se o objetivo de se verificarem aspectos do fazer literário, de temas tratados e da leitura com temática lésbica.

O interesse pela literatura, de modo amplo, antecede minha formação acadêmica, período no qual compreendi a grande relevância das dimensões sociais, políticas, culturais, históricas que transversalizam sociedade e literatura. Em relação à literatura com temática lésbica, o interesse foi despertado no período entre 2012 e 2016, em que desenvolvi pesquisa de doutorado sobre homossexualidade lésbica em matizes que acompanharam a dinâmica social das maternidades no limiar do século XXI<sup>1</sup>, realçando e verificando tensões sociais e políticas provocadas por formas do tornar-se mães reconhecendo-se como lésbicas.

Para intermediar entre os marcos teórico-metodológico e a realidade empírica, o *corpus* constituiu-se de 17 mulheres lésbicas e bissexuais que se dispuseram a responder perguntas de um formulário. O primeiro contato ocorreu com quatro mulheres lésbicas e uma bissexual, membras, como eu, do Núcleo de Estudos de Gênero de Araraquara (NEGAr), ligado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Araraquara-SP, durante as reuniões de estudo. Uma vez explicado o teor da pesquisa e aceitando participar, elas indicaram outros contatos e, dessa forma, constituiu-se a rede de colaboradoras.

Aliada à pesquisa de campo está o levantamento e a compreensão da produção bibliográfica sobre o tema, incluindo notícias expressas pelos meios de comunicação de massa – televisão, rádio, jornais, internet.

A expressão literatura com temática lésbica foi adotada em concordância com as ideias da escritora Diedra Roiz (JUDAR, 2016). O título como um todo foi inspirado na exposição, com caráter de depoimento, da professora Nádia Battella Gotlib (2011), na qual ela se detém em alguns pontos sobre a sua experiência de participação no Grupo de Trabalho (GT) *A mulher na literatura* e apresenta uma linha histórica do GT, com o objetivo de examinar de que forma eles repercutiram na sua atividade profissional de pesquisadora de literatura.

Decorrentes desse registro, dois pontos são destacados. O primeiro em relação ao tempo em que o tema Mulheres e Literatura vem sendo estudado no Brasil por grupos de pesquisa, como o relatado por Gotlib (2011), que teve o primeiro encontro na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em maio de 1987<sup>2</sup>, por ocasião do II Encontro Nacional da Associação Nacional de pós-

<sup>1</sup> MATERNIDADES LÉSBICAS: clivagem entre as tensões sociais e políticas do tornar-se mãe na contemporaneidade. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras-Unesp/Araraquara-SP, 2017. Linha de pesquisa: Diversidade, Identidades e Direitos. Orientadora: Profª Dra. Lucila Scavone.

<sup>2</sup> Para Heloisa Buarque de Hollanda (1990), o GT Mulher na Literatura da ANPOLL é considerado o maior aglutinador de pesquisadores sobre a mulher na área. Criado em 1986 por sugestão de Suzana Funck (UFSC) durante o Primeiro Encontro da ANPOLL, sendo, nesta ocasião, escolhida como coordenadora, Ana Lucia Gazolla, em 1987, em sua primeira reunião, já conta com cerca de 20 inscitos. Em 1988, Nádia Gotlib assume a coordenação dos trabalhos e consegue expandir e consolidar o grupo, cumprindo, a tarefa de descobrir e organizar o campo. Um dos traços do trabalho de Nádia foi imprimir ao GT uma abertura interdisciplinar, o que não era muito comum na política dos outros GTs da ANPOLL. Com essa medida, historiadoras como Miriam Moreira Leite e Maria Lucia Mott, antropólogas como Norma Telles, linguistas e psicólogas passam a colaborar no GT Mulher e Literatura.

Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). O segundo em relação ao fato de que se trata de um tema que não perde sua atualidade dada a dinâmica social dos contextos que envolvem as realidades das mulheres. Para ilustrar, tem-se a continuidade da participação, – após trinta anos da existência do GT da ANPOLL –, nos VIII Seminário Internacional e XVII Seminário Nacional *Mulher e Literatura – Mulher e Literatura: transgressões, descentramentos e subversão*, realizados na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em setembro de 2017 e a novidade do *Projeto Lettera*, um espaço virtual que surgiu em 2015 e “celebra a literatura lésbica com grande alcance, seja divulgando a literatura feminina e fortalecendo este nicho, seja ajudando mulheres a se aceitarem e se empoderarem”, escreve sua mentora Cristiane Schwinden (2018).

O destaque para os dois pontos não elimina o debate sobre a existência da categoria literatura lésbica, assim como se debate a existência ou não de uma literatura feminina. Terezinha Vicente (2010) ressalta no artigo *Com a palavra, escritoras lésbicas* que, embora as escritoras lésbicas consultadas tenham dito que o mais importante é ser boa ou má literatura, perpassar a universalidade do ser lésbica no mundo ocidental, no qual a literatura é heteronormativa, patriarcal e falocêntrica “é um fato político e a existência de uma literatura *gay*/lésbica é afirmativa para o segmento” nas palavras da escritora Lúcia Facco, o que pode ser compreendido como afirmação política, necessária para a literatura com temática lésbica.

Ainda no artigo *Com a palavra, escritoras lésbicas* (VICENTE, 2010), Mariana Cortez, jovem escritora que começou na internet em 2004, com blogs e contos, explicou que foi fundamental ter tido acesso a alguma literatura lésbica para ler na adolescência, o que a ajudou a se ver melhor e ter coragem de se expor e que foram suas leitoras que fizeram crescer suas personagens. Karina Dias, outra escritora com a palavra, também foi incentivada pelos muitos *emails* de leitoras de sua primeira história na internet. Ela declarou que gostaria de dizer apenas literatura em referência à sua escrita, pois, ao escrever, pensa nas suas personagens inseridas no cotidiano, mas considera possível dizer literatura lésbica, pois as heroínas são lésbicas e ela escreve, sobretudo, para que as mulheres lésbicas, como ela, tenham uma literatura que retrate sua vida. Considera que o cotidiano de mulheres que amam outras mulheres é igual a qualquer outro.

Com relação aos novos veículos para a publicação nas redes virtuais, as mais jovens se referem à uma nova literatura lésbica, resultante de uma vivência um pouco mais livre da sexualidade diferenciada. As trocas via internet demonstraram para as escritoras que elas vivem como as demais pessoas e esse foi um fato que as levou a escrever mais e a gostar de publicar livros. Para Karina Dias, que declarou ter saído do armário aos 17 anos, ser lésbica nunca interferiu em sua vida e as declarações de leitoras que tinham medos diversos de viver sua lesbianidade a impressionaram (VICENTE, 2010).

Outra perspectiva da literatura com temática lésbica refere-se às mulheres negras lésbicas. Para bell hooks(1995), a imagem das mulheres negras, mais do que a das brancas, foi historicamente construída em uma expressão altamente heteronormativa, uma representação que também repercutiu na criação de personagens negras femininas na literatura brasileira. Uma literatura que silencia sobre identidades, gênero, raça e firma-se na semântica erótica obcecada pelo corpo moreno, mulato e negro, identificado como desfrutável ou reduzido à mão de obra servil.

Há a contrapartida para romper com o silêncio e ela se pronuncia mediante experiências identitárias de escritoras negras – lésbicas ou não –, representando lésbicas negras em suas narrativas. Conceição Evaristo, Zula Gibi – pseudônimo de Miriam Alves, Cidinha da Silva são autoras que dão voz a personagens lésbicas negras que descentram os modelos heteronormativos aprego-

ados: casar, ser mãe. Seus escritos retratam histórias de personagens que questionam e resistem ao *status quo* da heteronormatividade imposta às mulheres negras. São histórias mediante as quais é possível perceber as nuances que envolvem essas identidades e refletir sobre o estereótipo da tripla marginalização: ser mulher, negra e lésbica.

Além do que foi exposto, convergir para a literatura com temática lésbica, no Brasil, significa adentrar em território de vozes “não autorizadas”, um território contestado por diferentes grupos sociais que procuram se apropriar de seus recursos. Significa considerar que a preocupação com a diversidade de vozes “não é mero eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política”, conforme escreveu Regina Dalcastagnè (2012, p. 47).

### 1. Literatura com temática lésbica: caracterizando leitoras

O ponto de partida para a pesquisa foi a observação do seu papel no contexto da descoberta do assunto a ser pesquisado. Seu exercício apresentou como necessária a minha aproximação com o estudo da literatura voltada para a temática lésbica.

Durante o período inicial de observações, quando ainda me encontrava abstraída da situação a ser estudada, observando de maneira espontânea fatos relacionados à literatura na sua especificidade de conteúdos relativos às lésbicas, surgiram perguntas: Têm as lésbicas conhecimento da existência da literatura com temática lésbica? Se sim, quais seriam os meios pelos quais tiveram acesso a esse conteúdo? Se não, quais seriam os impedimentos?

Com as perguntas constituiu-se a ideia de aliar o estudo das fontes bibliográficas a uma experiência de campo, para reunir dados, utilizando o formulário e a técnica da bola de neve para o acesso à rede de mulheres lésbicas ou bissexuais.

A reunião de dados de amostragem pela técnica da bola de neve, forma de amostra não probabilística, que não permite determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, foi considerada adequada para o estudo.

Para iniciar a reunião de dados relativos à execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. (VINUTO, 2014, p.203).

Utilizando a terminologia de Juliana Vinuto (2014), as sementes foram as membras do NEGAr que responderam às questões propostas e indicaram novos contatos com a característica desejada: orientação sexual lésbica ou bissexual<sup>3</sup>.

A orientação sexual lésbica ou bissexual, não estava definida como característica para a constituição do *corpus* no início das reflexões. Ela estabeleceu-se após o teste piloto com o formulário, realizado com a colaboradora Caroline. Durante esse exercício, em que o teste piloto teve como objetivo avaliar aspectos funcionais: pertinência, organização, clareza das questões propostas, Caroline apresentou-se como bissexual e argumentou que sua orientação sexual a aproximara da

<sup>3</sup>No encontro inicial foram feitos os esclarecimentos sobre o teor do estudo, o convite para a participação e a assinatura do Termo de Compromisso, no qual ambas as partes entraram em acordo sobre a ética que regeria as ações: preservação dos nomes conforme a vontade manifesta das participantes e a fidelidade na exposição dos relatos.

literatura lésbica, o que a fez leitora dessa temática. Por essa razão, sentia-se apta para participar da pesquisa. Sendo seu argumento considerado plausível, a proposta inicial do formulário que era dirigido apenas para mulheres de orientação sexual lésbica, foi alterada.

As questões a serem respondidas compuseram um formulário, definido como instrumento para essa investigação social. Para opção pelo seu uso pesaram: poder explicar os objetivos da pesquisa para cada participante, elucidar significados de perguntas que não estivessem claras, adaptar-se às necessidades de cada situação, inclusive, a reformulação de questões visando a compreensão de cada participante e a uniformidade no preenchimento. Ressaltando que, após o teste piloto e sua reformulação, não foram constatadas situações desvantajosas relativas à menor liberdade nas respostas em virtude da presença da pesquisadora, durante os contatos para o seu preenchimento.

Os indicadores para constar do formulário estabeleceram-se conforme sua relevância para o estudo. Quanto à característica de cor ou raça, o critério adotado pautou-se pelo que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estabelece: auto declaração das pessoas de acordo com as opções branca, preta, amarela, parda ou indígena.

O IBGE usa preto como classificação de cor ou raça nas pesquisas de censo demográfico desde 1872, conforme Nota Técnica sobre o *Histórico da investigação sobre cor ou raça nas pesquisas domiciliares do IBGE*. Para 2010, último Censo realizado, as categorias raciais foram: branca, preta, parda, amarela, indígena – se indígena, era necessário declinar a etnia e a língua falada (BRASIL, 2011).

Com o indicador de categoria racial e outros que caracterizam a identificação pessoal das colaboradoras, o quadro de amostragem (Quadro 1) foi constituído e organizado. O encerramento dos contatos com as colaboradoras ocorreu em razão do período estabelecido para o encerramento dessa fase da pesquisa.

Essa fase da pesquisa corresponde à primeira etapa, pois há novos questionamentos suscitados pela leitura do livro de Regina Dalcastagnè (2012, p.147), *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*, em relação a dois resultados da pesquisa de mapeamento do romance brasileiro contemporâneo considerados gritantes, apresentados no capítulo *Um mapa de ausências*. O primeiro, relativo à pouca presença feminina entre os autores publicados: dentre 165 autores pesquisados, 120 são homens (72,7%). O segundo, alusivo à homogeneidade racial: são brancos 93,9% do total dos 165 autores estudados. São dois resultados que têm na sua base a constatação das ausências de pessoas pobres e pretas nos romances brasileiros e, em decorrência da qual, outras ausências foram sendo constatadas: crianças, velhos, homossexuais, deficientes físicos e até das mulheres, ressalta a autora.

**Quadro 1:** Dados de identificação pessoal das colaboradoras da pesquisa

NOME	CATEGORIA RACIAL	IDADE	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
1. Laura	Branca	26	Lésbica	Mestranda	Professora
2. Jéssica	Branca	25	Lésbica	Mestranda	Bióloga
3. Letícia	Branca	20	Bissexual	Cursando graduação	Desempregada
4. Kênia	Branca	24	Bissexual	Cursando graduação	Estudante
5. Camila	Branca	22	Bissexual	Cursando graduação	Estudante
6. Isabela	Branca	19	Lésbica	Cursando graduação	Estudante

<b>7. Larissa</b>	Branca	20	Bissexual	Cursando graduação	Estudante
<b>8. Luiza</b>	Branca	20	Lésbica	Cursando graduação	Estudante
<b>9. Janaina</b>	Preta	24	Lésbica	Mestranda	Pesquisadora
<b>10. Joana</b>	Preta	25	Lésbica	Graduada	Professora
<b>11. Fabiana</b>	Branca	39	Bissexual	Pós-graduada	Enfermeira
<b>12. Gisela</b>	Branca	37	Bissexual	Pós-graduada	Enfermeira
<b>13. Caroline</b>	Branca	32	Bissexual	Cursando graduação	<i>Freelancer</i>
<b>14. Lorena</b>	Branca	20	Lésbica	Cursando graduação	Estudante
<b>15. Jaqueline</b>	Branca	22	Lésbica	Graduada	Orientadora de público
<b>16. Não declarado</b>	Branca	24	Bissexual	Mestranda	Desempregada
<b>17. Flávia</b>	Parda	35	Lésbica	Graduada	Funcionária Pública

Fonte: Quadro gerado pela pesquisadora no decorrer da pesquisa (2018)

No Quadro 1, o ponto em destaque é o fato de que, dentre as 17 colaboradoras com nível universitário, duas se autodeclararam pretas (11,76%) e uma parda (5,88%), resultado que não está distante dos dados do IBGE (BRASIL, 2011), nos quais apenas 12,8% de estudantes em instituições de ensino superior são pessoas pretas e pardas.

O resultado relativo à categoria racial pode afluir para o mapa de ausências organizado por Regina Dalcastagnè (2012) porque, embora esse mapa se refira à representação artística literária, a compreensão de que a representação artística ecoa no debate público, insere as colaboradoras em um mapa no qual a ausência das pessoas pretas e pardas também é gritante e se faz sentir, considerando-se que, do total de 190.755.799 milhões de pessoas constatadas pelo censo do IBGE (BRASIL, 2011), 82.215.405 (43,1%) se autodeclararam pardas e 14.497.379 (7,6%) se autodeclararam pretas.

Na composição desse quadro, a categoria racial reiterou a sua relevância em relação à necessidade de estudos permanentes, visto que sua dinâmica no Brasil tem se mantido nos campos da injustiça social e do racismo. Dela advém um questionamento: de que modo a ausência de pessoas pretas e pardas no âmbito universitário afeta a escrita e a leitura da literatura com temática lésbica? Uma questão que fica em aberto, neste texto, mas que desencadeia a necessidade de nova etapa para o estudo.

Isto posto, tem-se que o Quadro 1 suscitou questionamento que fica com a resposta a ser dada, mas tem verificações da ordem da escrita e da leitura que remetem ao próximo tópico.

## 2. A salamandra que queima livros e a certeza de saber que não se está sozinha

Entre 2013 e 2016, durante a busca de referências para a realização da pesquisa sobre maternidades lésbicas e as tensões políticas e sociais do tornar-se mãe na contemporaneidade, foi comum me deparar com livros, filmes, poesias, que se referiam à temática lésbica e que apresentavam como característica comum atos de censura, fosse em relação à proibição de publicação, circulação ou à necessidade de um pseudônimo para a autora. Eram obras que despertavam curiosidade, mas que

naquele momento deveriam ser deixadas de lado dadas as exigências da pesquisa, embora não tenha resistido à leitura de *O poço da solidão* de Hadclyffe Hall (1972), Lado B: *Histórias de mulheres* de Lúcia Facco (2006) e ao filme *Azul é cor mais quente* (2013). *Desejos secretos: a história de Sidonie C.*, de Ines Rieder e Diana Voight (2008), também foi irresistível.

A obra de Cassandra Rios, que anteriormente havia atraído a atenção pelo seu conteúdo e pela sua proibição durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) (SILVA, 1989), mantém a curiosidade aguçada e guardada na vontade de estudos futuros.

A curiosidade por ideias que se tornaram proibidas, depois de serem registradas em livros, surgiu na década de 1970, quando assisti em fita de vídeo cassete ao filme *Fahrenheit 451*<sup>4</sup> (1966), baseado no livro homônimo de Ray Bradbury (2012), escrito em 1953 e tido como um dos precursores do gênero literário chamado de distópico, no qual se inclui *Nós*, escrito pelo russo Ievguêni Zamiátin (1983), no começo da década de 1920. Foi censurado na Rússia, sendo por isso publicado primeiro em inglês, em 1924.

A etimologia da palavra distopia relaciona-se com o radical grego *topos*, de utopia. Ambas constituem gêneros literários que consistem nas narrativas sobre possibilidades de sociedades perfeitas e felizes e em discursos políticos que procuram expor a sociedade justa. Etimologicamente, utopia significa *u-topos* (lugar nenhum). Marilena Chaui (2008) esclarece que se trata de uma palavra criada por Thomas More (1968) e refere-se ao título de sua obra *Utopia*, que passou a ser empregada para designar narrativas muito anteriores, como, por exemplo, a cidade ideal na *República* de Platão (CHAUI, 2008). A autora explica que o prefixo negativo *u* é a condição implícita de outro prefixo grego, mais positivo, *eu*, que indica nobreza, justeza, abundância. Assim, utopia, lugar nenhum, significa também utopia, lugar feliz.

Enquanto a origem da ideia de utopia se estabelece no século XVI, a de distopia é engendrada no século XX, com a finalidade de analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro. Etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais *topos* (lugar). Em sentido literal, significa forma distorcida de um lugar.

Um dos aspectos do gênero literário distópico é apresentar mensagem de que o futuro precisa ser preparado e que, para isso, o presente deve ser bem gerenciado para evitar a tragicidade de um mundo pior ou para alcançar um futuro laureado. Daí decorre outro aspecto que é seu caráter ativista. Suas obras exortam leitoras e leitores a moldarem um futuro melhor ou a evitarem um pior.

No livro *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 2012) há uma analogia entre a espécie do animal anfíbio com cauda, a Salamandra-de-fogo, e o formato do carro do corpo de bombeiros, estes encarregados do policiamento e da manutenção da lei do governo que proíbe qualquer livro ou tipo de leitura. Um milhão de livros foram proibidos, assim como opiniões próprias consideradas antisociais e hedonistas. O pensamento crítico foi suprimido porque interrogar-se sobre o porquê das coisas poderia tornar as pessoas infelizes. Sendo assim, todos os livros da lista proscrita que fossem encontrados deveriam ser queimados pelos bombeiros.

Subtrai-se de *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 2012), sem simplificar seu contexto, a compreensão de que uma reação primordial que uma leitura pode provocar é interrogar-se, sentido para o qual confluem as palavras de Laura Bacellar dirigidas à Lúcia Facco (2004) para explicar porque decidiu apostar no projeto de publicar livros nas Edições GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) em 1998.

<sup>4</sup> 451 é o grau na escala de temperatura Fahrenheit em que o papel pega fogo.

[...] fui para a Inglaterra quando tinha dezenove anos, e lá me deparei com livros que falavam de maneira não preconceituosa da homossexualidade. O primeiro que achei foi *The price of salt*, de Claire Morgan [...]. Aquele livro mudou um monte de coisas em mim porque era uma história romântica entre mulheres com final feliz. (FACCO, 2004, p. 179).

Para Laura Bacellar, foram as leituras de livros sobre o tema amor entre mulheres que serviram como uma experiência que fez a diferença em sua vida, levando-a a perceber que não estava sozinha. O título *The price of salt*, ao qual se referiu, foi a primeira publicação (1952) do romance que depois receberia o nome de Carol ou o *O Preço do Sal* (HIGHSMITH, 1984), como foi publicado no Brasil.

Ele relata a história do relacionamento homossexual entre duas mulheres: Carol, uma mulher adulta, mãe, e Therese, jovem vendedora de uma loja de departamentos que está descobrindo sua sexualidade. Sendo o conteúdo considerado ousado para a época, foi recusado pelo editor para publicação, fato que levou a autora Patricia Highsmith a recorrer a uma editora pequena e ao pseudônimo de Claire Morgan.

Valéria Melki Busin, com outras palavras, também destaca a importância das publicações sobre a temática lésbica para atingir corações e mentes: “e, o mais importante, têm causado transformações nos leitores (homens e mulheres). Mais do que uma grande experiência estética, a literatura tem de ter a capacidade de mudar formas de pensar e de viver” (FACCO, 2004, p. 172).

Ainda em relação ao livro *Carol* ou *O preço do sal* (HIGHSMITH, 1984), Laura, uma das colaboradoras da pesquisa que se autodeclarou lésbica, indicou-o como boa leitura por abordar “uma realidade do universo lésbico: as dificuldades de assumir um relacionamento homoafetivo”. Complementou que é leitora da literatura com temática lésbica porque é “bom se sentir representada nas artes de modo geral”, embora tenha considerado a “dificuldade para encontrar bons livros com essa temática”.

Nos trilhos das ideias proibidas também está *O poço da solidão* (HALL, 1972), que foi objeto de estudo de Lúcia Facco (2004) que o apresentou como uma intenção ousada de Radclyffe Hall, lésbica militante que se vestia com roupas masculinas e se denominava invertida. Tem sido um livro polêmico desde sua publicação em 1928, na Inglaterra, quando foi considerado obsceno e teve seus exemplares apreendidos e queimados nos porões da *Scotland Yard*.

Permaneceu proibido até 1948, acontecimento considerado por Lúcia Facco (2004) como o possível motivo que o tornou conhecido como a Bíblia do lesbianismo. Trata-se de um livro que trouxe

[...] alívio a muitas mulheres que se consideravam verdadeiras aberrações, seres monstruosos, por sentirem desejo por outras mulheres. *O poço* trouxe uma nova interpretação a essas meninas que passaram a se aceitar (ou pelo menos deixaram de se considerar como “abominações”), por saberem da existência de outras iguais a elas. (FACCO, 2004, p. 73).

Embora a relação entre as personagens Stephen e Mary seja entendida como reprodutora do modelo heteronormativo, uma vez que Stephen é descrita com características consideradas masculinas: força física, corpo másculo, raciocínio lógico, enquanto Mary é a mulher que cuida da casa, cerze as meias, cuida das roupas de Stephen, possui instinto maternal, Lúcia Facco (2004) destacou

o fato de ter sido lido por milhares de pessoas que puderam refletir sobre a existência de relações amorosas e sexuais entre mulheres, como algo favorável à obra.

Entre 1928 e 2018, momento em que este texto está sendo escrito, ocorreram e ocorrem transformações sociais, culturais e políticas que vão sendo acompanhadas pela literatura. Nesse sentido, apresenta-se a fundação da Malagueta e as observações de Hanna Korich:

Em 2008, como já mencionei, fundei com outras mulheres a Malagueta e trabalho com livros desde então. Vejo a realização deste filme como um ganho! Sempre! A intenção é divulgar a Cassandra Rios e com imagens, porque infelizmente depois de 6 anos trabalhando arduamente na Malagueta, cheguei à conclusão de que apesar de termos no Brasil 9 milhões de lésbicas, elas não se interessam muito pela leitura, compram poucos livros, não se sabe a razão exatamente. (LEITE, 2014, n.p.).

A conclusão de Hanna Korich (LEITE, 2014) de que, no Brasil, as lésbicas não se interessam muito pela leitura, trouxe uma inquietação que levou à elaboração de uma pergunta feita às colaboradoras e que deu origem ao Quadro 2.

A indicação desse quadro de que seis (cinco lésbicas e uma bissexual) dentre as 17 colaboradoras (35,29 %) são leitoras, pode ser uma aproximação com as concepções de Hanna Korich (LEITE, 2014), com a ressalva necessária de que ela se coloca com a perspectiva de editora da Brejeira Malagueta que entre 2008 e 2015 publicou e divulgou literatura lésbica, tendo optado por autoras brasileiras assumidas, com histórias positivas para contar.

**Quadro 2:** É leitora da literatura com temática lésbica?

NOME	SIM (35,29%)	NOME	NÃO (64,71%)
Laura	Sim	Jéssica	Não
Luiza	Sim	Letícia	Não
Janaina	Sim	Kênia	Não
Joana	Sim	Camila	Não
Caroline	Sim	Isabela	Não
Lorena	Sim	Larissa	Não
		Fabiana	Não
		Gisela	Não
		Jaqueline	Não
		Não declarado	Não
		Flávia	Não

Fonte: Quadro gerado pela pesquisadora no decorrer da pesquisa (2018)

Os vieses da publicação e divulgação apresentados por Hanna Korich para a editora Brejeira Malagueta, não corresponderam às respostas das colaboradoras que responderam não à pergunta: É leitora da literatura com temática lésbica? Seis delas explicaram que não são leitoras porque não tiveram contato com esse conteúdo ou acesso à publicação com essa temática. Jéssica foi além e complementou que “apesar de ter muito interesse neste tema, encontro dificuldade em achar bons livros, uma vez que são escassos e pouco divulgados, colaborando para a invisibilização lésbica”, e

Larissa respondeu que não é leitora dessa temática: “Primeiramente, devido à falta de conhecimento e espaço que a literatura LGBT sofre, como consequência são poucas as oportunidades em que tive contato com a literatura LGBT e, especificamente, lésbica.”.

Para justificar seu não, a resposta da Letícia foi: “Nunca tive acesso a nenhuma publicação formal com essa temática, ou pelo menos não ouvi falar sobre. Porém, leio algumas histórias ou contos publicados na internet, escritos por outras mulheres LGBTs, que são divulgados pelas mesmas.”.

Ao fazer distinção entre uma publicação formal e as publicações nas redes virtuais, divulgadas pelas próprias autoras, Letícia aproxima-se das ideias de Diedra Roiz (2016a), segundo as quais a internet se apresenta como um espaço mais democrático de acesso às pluralidades, estando à margem do que ela chama de mídia oficial.

Em contraponto a uma sociedade que estigmatiza, silencia e que só viabiliza a existência de lésbicas dentro de determinados padrões, a **literatura lésbica na internet** dá voz e possibilita espaços de identificação, compreensão e construção de si e da vinculação com as outras, através de narrativas (ficcionais ou não) que discorrem sobre vivências (cotidianas ou não) de mulheres que vivem as suas afetividades ou sexualidades centradas em outras mulheres. (ROIZ, 2016a, n.p.).

Diedra Roiz (2016a), uma escritora que se utiliza do espaço virtual para publicar, defende esse espaço afirmando que ele oferece livre acesso e livre expressão. Segundo seu entendimento, ele alia visibilidade e interatividade e se consolida como espaço em que as trocas de experiência viabilizam o acesso aos discursos e às obras, sem censura ou distinção, dando voz àquelas mulheres para as quais literatura legitimada é, muitas vezes, inatingível. No caso da literatura lésbica, a internet serve não apenas para traduzir, dar voz e tornar visível diversas realidades, mas também favorece o diálogo, mediante a identificação ou o estranhamento diante das narrativas.

Entre as seis colaboradoras que se reconheceram como leitoras está a Laura, que leu e recomendou a leitura de *Carol* ou *O preço do sal* (HIGHSMITH, 1984). Está também a Lorena, que se reconheceu como leitora por razões identitárias e teve acesso à literatura com temática lésbica em “debates na universidade, literatura em bibliografia, páginas nas redes sociais, indicação de amigas, grupos de pesquisa, rodas de conversa”. Diante da pergunta: Qual leitura com essa temática indicaria?, ela optou pelo texto teórico da Adrienne Rich (2010), *Heterossexualidade Compulsória*.

Adrienne Rich (2010), escritora e poeta estadunidense, na década de 1970, escreveu sobre a heterossexualidade compulsória explicando que ela compõe um processo social, mediante políticas familiares e educacionais, pela imposição de normas de submissão e devoção ao masculino. Assim sendo, a heterossexualidade compulsória se transforma em definidora da divisão de trabalho, da remuneração, da importância social, além de tornar o espaço público e os direitos de cidadania um domínio no qual os homens têm primazia, o privado é sinônimo de doméstico, de familiar, prevalecendo a posse e autoridade dos homens sobre mulheres e crianças.

Heterossexualidade compulsória é um conceito que continua atual, como atestam as palavras de Lorena que argumentou ser esse um texto “bastante esclarecedor para iniciar o processo de se entender como lésbica, e os embates que se tem por causa da heterossexualidade compulsória existente”.

Da sugestão para a leitura de um texto teórico, segue-se para a sugestão de um romance gótico, escrito no século XIX. Luíza é a colaboradora lésbica que indicou o livro *Carmilla – A vampira de*

*Karnstein*, do autor Sheridan Le Fanu (2010). Ela explica que começou a ler literatura com temática lésbica a partir de *fanfiction*<sup>5</sup>, quando tinha 11 anos. “*Fanfiction* me fez conhecer mais do mundo da literatura lésbica porque me fez encontrar outros tipos de leitura com essa temática”. À pergunta, como teve acesso à essa forma de literatura? Ela responde que teve acesso “através da internet, em sites como *fanfiction.net* ou *archiveofourown.com*, e posteriormente por indicações de amigas lésbicas”.

Sheridan Le Fanu (2010), nascido na Irlanda, publicou *Carmilla* pela primeira vez em forma de folhetim, na revista *Dark Blue*, entre os meses de dezembro de 1871 e março de 1872. Embora não tenha sido escrito por mulher ou por mulher lésbica, para Alexander Meireles da Silva (2010, p.27), “a novela *Carmilla* quebra um discurso patriarcal em relação aos papéis sociais da mulher ao ser, até hoje, a principal obra da literatura de vampiros”, da temática do relacionamento lésbico-vampírico.

A colaboradora Caroline, estudante de Letras, contou que iniciou uma pesquisa científica na área de Estudos Literários, com ênfase nos Estudos Culturais – linha teórica que busca relacionar a literatura à história, à sociologia, à antropologia, à filosofia e a outras artes com o objetivo de indagar se

[...] o lugar de fala de uma autora, de narradoras ou personagens da ficção brasileira contemporânea funciona como premissa de tal pesquisa, lançando luz a uma produção literária marginal e trazendo também, em certa medida, questionamentos acerca da trajetória crítica de consagração dos cânones da literatura. Para além do fazer científico, o meu interesse reside na minha condição de leitora literária, mulher e bissexual, que quase não encontra a dimensão das relações homoeróticas, necessariamente entre mulheres, representada nessa literatura de ficção. Compreendo, portanto, que tal interesse particular atua de maneira responsiva, em diálogo com o contexto atual da produção literária no Brasil, sem desprezar os meios digitais e alternativos de produção e propagação da literatura. (CAROLINE, 2018).

Para a pergunta: Como teve acesso a essa forma de literatura?, a resposta da Caroline foi de que o primeiro contato ocorreu na adolescência, quando ainda não se autoidentificava como bissexual, “foi durante as aulas de teatro com a dramaturgia de Nelson Rodrigues” as quais ela entendeu que representavam as relações lésbicas como exóticas, estranhas às relações humanas afetivas. Um tempo depois conheceu a poesia de Hilda Hilst através das canções do álbum *Baladas no Alfalto*, do Zeca Baleiro (2005).

Em algumas delas, notei um maior protagonismo da mulher lésbica por meio de um sujeito-lírico que narrava a expressão de seus desejos e conflitos mais íntimos relacionando-os às identidades noturnas, com ênfase na vivência boêmia e na representação gótica da mulher. Achava ousado, notando um tom subversivo que resvalava para a experiência. É importante observar que essas foram leituras iniciais, sem o desempenho de um estudo aprofundado das obras e, por isso, podem não ter correspondência de fato com o que demonstra as pesquisas

<sup>5</sup> A palavra *fanfiction* é de origem inglesa e quer dizer, literalmente, ficção de fã. Uma fanfic, ou uma fic, é uma história inventada por um/a fã de acordo com uma obra original pela qual tenha interesse, dela poderá retomar personagens, parte da história, etc. compartilhado com outros fans da mesma série, mangá ou anime. No sítio *Spirit*, entre as fanfictions mais populares está o romance lésbico *Caminhos do Amor*, de Bruna Costa (2017). É uma fanfiction do gênero *FemmeSlash*, quando o enredo gira em torno de relações sexuais entre mulheres.

literárias das mesmas. Por fim, já na faculdade, tive acesso à literatura marginal durante um curso de Literatura Brasileira Contemporânea. Pelo cronograma de leitura dessa disciplina, tive a oportunidade de ler *Todos nós adorávamos caubóis*, da Carol Bensimon (2013). (CAROLINE, 2018).

Caroline sugeriu para leitura o livro *Todos nós adorávamos caubóis*, narrativa que retrata a relação vivida entre as personagens Cora e Júlia.

[...] ambas caracterizadas em oposição/contraponto de origens, maneiras de ser e de experimentar sexualidade fluida – o que torna bastante interessante a tensão instalada pelas possibilidades de paixão e/ou amizade entre as duas. Nesse livro, a autora toca com humor e naturalidade as questões subjetivas das relações humanas e amorosas, dispensando o exotismo, o sexismo que pode vir a constituir a ficção de temática lésbica, como reflexo de uma sociedade ainda pouco sensível ao querer/às vontades das mulheres. (CAROLINE, 2018)

A sua justificativa apresenta argumentos que retratam aspectos da repercussão que uma leitura pode ter. Neste caso, reconhecer-se na vivência bissexual mediante a narrativa e o protagonismo de mulheres, “condições ainda pouco frequentes na literatura brasileira”. Trata-se de uma justificativa que condiz com o mapa de ausências no qual Regina Dalcastagnè (2012) que registra a pouca presença de mulheres como protagonistas nos 258 romances que analisou.

Joana, outra colaboradora da pesquisa, respondeu que é leitora da temática lésbica porque “as histórias amplamente comercializadas, dizem respeito a pessoas heterossexuais que possuem experiências distintas das nossas”. Por essa razão, “ter contato com literaturas com temática lésbica é uma maneira de nos vermos representadas em histórias que dialogam com nossas vivências, com nossas angústias, anseios e alegrias”, complementa. Seu contato com essa forma de literatura começou com blogs e redes sociais virtuais.

Ela indicou para leitura, a seção de contos do *blog* Gorda e Sapatão, um dos primeiros blogs com o qual teve contato: “relatos, poesias, narrativas e contos que me ajudaram a entender minha sexualidade e a compreender o valor social presente nessa identidade”.

Racismo, Lesbianidade, Sexualidade, Feminismo e *Bodypositive*<sup>6</sup> é a proposta do espaço virtual de Gorda e Sapatão, no qual Jéssica Ipólito/Jész (2018) escreve e explica que queria um lugar para publicar suas inquietações que “andavam caladas, mas que nunca deixaram de ser latentes”, por isso criou blog que considera um espaço íntimo e solidário para as mulheres, sobretudo as negras gordas e lésbicas. Alega que utiliza muitas imagens para ilustrar seus textos porque “elas dão o tom que eu não consigo com as palavras”.

Dentre as várias leituras que se pode fazer no *blog* Gorda e Sapatão está o texto de Luara Erremays (2017), *Amor também é uma história de cor*, cujo parágrafo inicial aponta várias questões que são objeto de debates públicos, no Brasil do presente.

Na trajetória longa e cheia de mistérios que é me entender como uma pessoa negra, sempre chego a uns limites confusos sobre o que sinto, porque sinto. Durante muitos anos me entendi como uma “negra subjetiva”, que apesar da história de negritude, luta e resistência da minha família, havia se extin-

<sup>6</sup> Movimento em prol da imagem positiva do corpo. Tem como objetivo empoderar o corpo das mulheres.

guido na minha pele clara o negror, e como dizem meus documentos: branca. Não cabia me considerar negra uma vez que não sofria racismo, e não era capaz de enxergar o racismo nas propostas de alisamento do cabelo, no elogio que ouvi tantas vezes quando criança: tão lindas as sardas, imagina se fosse ruiva! Na vergonha que eu tinha do meu nariz. Sobretudo, ser gorda e sapatão ocupou quase toda a minha percepção de corpo e existência até entender que isso não era um problema – o mundo é que é problemático – e poder sentir minhas outras subjetividades. (ERREMAYS, 2017, n.p.).

A questão racial também está colocada para Janaina, com todas as letras. “Desde a infância, me aproximo de temáticas que se relacionam com a minha vivência. Sendo assim, sempre que possível busco por livros e textos que versem sobre a identidade lésbica”. Seu primeiro contato com esse tipo de literatura foi “através dos mangás (histórias em quadrinhos). Por volta dos 12 anos encontrei um exemplar na banca de jornal”. A leitura que indicou foi *Lundu*, da Tatiana Nascimento (2017). “Nessa obra, Tate traz um compilado de poesias que versam sobre a experiência lésbica e sua existência enquanto mulher negra”.

Em entrevista para tratar de questões que envolvem sua escrita, Tatiana Nascimento explicou para José Nunes (2018) que:

[...] perto dos 25 anos dei uma virada, *gracias* a uma acolhida maravilhosa de uma força energética vital, ancestral, muito poderosa, intempestiva, tempestuosa, trovejante, e sua correspondente material que foi conhecer o ativismo de mulheres negras, depois de estar já há algum tempo no ativismo feminista, me entender enquanto sujeita da diáspora negra y da dissidência sexual ressignificou, tematicamente, o mundo pra mim, e isso começou a transbordar na minha escrita duma forma muito exuberante, que nem se reconhecer pela primeira vez, mesmo, num espelho possível, não os espelhos quebrados da branquitude, do culto à magreza, da heterossexualidade. (NUNES, 2018, n.p.).

Para virada da Tatiana Nascimento (NUNES, 2018, n.p.) contribuíram, a busca pela epistemologia negra, a literatura negra, a análise textual dos materiais vastos produzidos por pessoas negras na diáspora, especialmente lésbicas negras. Essas atividades ocorridas no período em que estudou letras, na Universidade Federal de Brasília (UNB), pelo sistema de cotas, resultaram no encontro com a poesia da Audre Lorde, Dionne Brand, Cheryl Clarke, Pat Parker, Barbara Smith, “um manancial de representação de lesbiandade preta”. Teve, ainda, a oportunidade de se aprofundar nos escritos da Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Victoria Santa-Cruz.

**Figura 1:** Poema Rotina de Tatiana Nascimento

```
rotina:  
na memória da minha retina só dá sua pretice,  
sem pestanejar  
"até debaixo d'água", mesmo que olho abrisse,  
"até o sol raiar"
```

Fonte: Livro *Lundu* da Tatiana Nascimento (2017, p. 102)

Diante do que foi até aqui exposto, infere-se que as respostas asseguradas pelas colaboradoras compuseram um variado repertório de constatações, reflexões, conclusões, mas também originaram questionamentos que sugerem novas procuras de respostas. Elas deram margem à compreensão de que há uma dinâmica social que marginaliza os dois grupos sociais em destaque nesse estudo, marcados, de diferentes formas, pela invisibilidade histórica: mulheres lésbicas e mulheres lésbicas negras.

As palavras de Bárbara Esmenia (2016) em seu poema *Nos quiseram invisíveis, mas nós, lésbicas, sempre fomos história* traduzem a ideia de que tornar visível a existência, as pautas das lutas desses dois grupos, é germinar possibilidades de avanços, trazer à tona as necessidades de transformação, condições necessárias de serem alcançadas em todos os campos dos saberes, das artes, das políticas. Por outro lado, em relação ao campo da literatura com temática lésbica, a invisibilização e o silenciamento, seja referente à sua escrita ou ao acesso à sua leitura, indicam o caráter desigual e excludente da sociedade brasileira.

historicizaram de nós  
 como sendo inexistentes  
 apagadas as trajetórias  
 eliminadas as vivências  
 mas somos nós mesmas  
 aqui  
 agora  
 a contrapelo  
 construindo narrativas trazendo à tona  
 todas estas que nos antecederam

(Trecho do poema *Nos quiseram invisíveis, mas nós, lésbicas, sempre fomos história*.  
 ESMENIA, 2016).

### Concluindo...

Quando estava refletindo para concluir este artigo, veio a público a notícia de que autoridades do Quênia proibiram a exibição do filme *Rafiki* – palavra que no idioma *swahili* significa amigo –, que apresenta a história de amor entre duas mulheres, alegando que seu conteúdo incentiva o lesbianismo, legítima a homossexualidade, cuja prática é punida pela lei do país com até 14 anos de prisão (FICK, 2018; MADOWO, 2018).

*Rafiki* é uma adaptação feita pela diretora Wanuri Kahiu de *Jambula Tree*, uma história escrita pela ugandense Monica Arac Nyeko e publicada na antologia *African Love Stories* (BRYSON, 2007). Wanuri Kahiu foi convidada para estreá-lo no Festival Internacional de Cinema de Cannes na França, em maio de 2018, integrando a seção *Um Certain Regard*, mas antes que isso acontecesse o filme foi proibido em seu país de origem.

O Conselho de Classificação Cinematográfica do Quênia estabeleceu que: “qualquer um que seja encontrado com sua posse estará violando a lei” porque “Nossa cultura e leis reconhecem a família como a unidade básica da sociedade. O (conselho) não pode, portanto, permitir que conteúdo lésbico seja acessado por crianças no Quênia”, justificou Nelly Muluka, a porta-voz do conselho (MADOWO, 2018).

O que significa interdição a expressões artísticas que retratam a diversidade sexual? Significa

endossar a violência contra as pessoas que possuem outras formas de pensar e de se expressar e quando isso ocorre, não é apenas a arte que está sendo visada e atacada, é todo pensamento que questiona visões ultrapassadas e preconceituosas sobre famílias, religiões, escolas. É preocupante considerando-se o histórico de livros, filmes, exposições, peças teatrais, músicas, proibidas pelo mundo afora, não sendo o Brasil uma exceção.

A proibição do filme é um indício do que está posto quando se trata do universo que envolve as vivências lésbicas, entre elas a literatura, seja na condição de escritora ou de leitora. É, também, um indício dos perigos a serem atravessados, conforme afirma Glória Anzaldúa (2000) na carta que escreveu para as mulheres escritoras do terceiro mundo, em 1981.

Não temos muito a perder — nunca tivemos nenhum privilégio. Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira. Não podemos *transcender* os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance. (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

O fazer literário pleno de questionamentos e resistências, tem contribuído para a travessia, embora, as vozes das mulheres lésbicas e das mulheres lésbicas negras, de modo mais abrangente, permaneçam não autorizadas e constituam um território de vozes ausentes que não deixa de ser contestado e demarcado por tentativas de apropriações de seus recursos<sup>7</sup>.

Os impasses provocados pela ausência de diversidade na literatura, indicam necessidade de democratização na produção literária, democratização essa que não está desvinculada da necessidade de democratização na sociedade como um todo – o que no caso do Brasil inclui a conquista do direito de saber escrever e ler. Sugerem também a relevância dos papéis de leitores e leitoras mais atentas às formas de preconceito que possam circular na produção, circulação e conteúdo das obras literárias, considerando-se que cada leitor ou leitora é parte da obra, na sua complementação, interpretação e imaginação.

O contexto da ausência de diversidade afeta todas as escritoras no que se refere às dificuldades editoriais, sendo a edição da literatura com temática lésbica afetada de modo diferenciado por estar vinculada a uma temática específica, a um público específico de leitoras e por ser considerada como literatura menor, literatura baixa, pornográfica ou erótica.

Nas palavras da escritora Diedra Roiz (2016b, n.p.), nesse segmento literário não existe interesse por parte das grandes editoras, o que faz com que as publicações de literatura lésbica se restrinjam a pequenas tiragens realizadas por pequenas editoras ou autoras independentes: “É a resistência em forma de livro”, mantida por editoras como Vira Letra; Palavras, Expressões e Letras; Hoo Editora; Grupo HPM; Metanoia Editora.

Resistência que a Padê Editorial, um coletivo formado por Tatiana Nascimento – autora mencionada pela colaboradora Janaina – e Bárbara Esmenia, mantém, com a edição manual, feita em casa. São publicações voltadas para autoras negras e para a comunidade LGBT<sup>8</sup>. Quando a quan-

<sup>7</sup> No decorrer de maio de 2018, uma petição *online* reúne assinaturas para que a escritora mineira Conceição Evaristo ocupe a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras. Aos 71 anos, ela é uma autora negra reconhecida por obras como o romance *PonciáVicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parencenas* (2016). Graduada em Letras, é mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>8</sup> A sigla LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, é aqui utilizada pela sua popularidade, mas os movimentos ligados às orientações sexuais têm utilizado nova forma com o intuito de ser mais abrangente: LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais, +.

tidade exige mais mãos, caso dos 300 exemplares de *Lundu*, da Tatiana Nascimento (2017), outras pessoas são convidadas a participar.

Finalmente, assim como escrever literatura com temática lésbica é um ato de resistência, publicar também. As editoras com essa especificidade, mesmo considerando que têm independência na edição, materializam temas complexos e tabus, contestando, desse modo, o território de vozes ausentes.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, Ano 8, 1º semestre de 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

AZUL é a cor mais quente. *Filme*. Direção de Abdellatif Kechiche. País: França, 2013.

BALEIRO, Zeca. *Baladas no Asfalto & outros blues*. Brasil. Gravadora: MZA Music. CD, 2005.

BENSIMON, Carol. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*. São Paulo: Globo, 2012.

BRASIL. Características Étnico-raciais da População. Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça – 2010. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE*. Rio de Janeiro, p. 14-29, 2011. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BRYSON, Donna. Ugandan Writer's 'Jambula Tree' Wins Caine Prize. *Washington Post*. July 10, 2007. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/07/09/AR2007070901812.html>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. In: *Ciência e Cultura*. v. 60, n. sp. 1, p. 7-12, 2008. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000500003](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003)>. Acesso em: 2 fev. 2018.

COSTA, Bruna. *Caminhos do Amor* (Romance Lésbico). Atualizado em 5 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/caminhos-do-amor-romance-lesbico-6179705>>. Acesso em 25 abr. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

ERREMAYS, Luara. *Amor também é uma história de cor*. Publicado em 18 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://gordaesapatao.com.br/amor-tambem-e-uma-historia-de-cor/>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

ESMENIA, Bárbara. *Penetra Fresta*. São Paulo/Brasília: Padê Editorial, 2016.

FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*. São Paulo: Editora GLS, 2004.

FAHRENHEIT 451. *Filme*. Direção de François Truffaut. País: França, 1966.

FICK Maggie. Quênia proíbe romance lésbico que estreará em Cannes. *Terra*. Publicado em 27 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/quenia-proibe-filme-sobre-romance-lesbico-que-esteara-em-cannes,5eddf42bbc3942bfd92c72e52b8bbcadsz78lmyn.html>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

GOTLIB, Nádia Battella. Esboço de uma autobiografia intelectual: mulheres, literatura, biografia, fotobiografia. In: *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*. Publicado em 18 fevereiro de 2011. Disponível em: <[periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/8250/pdf\\_107](http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/8250/pdf_107)>. Acesso em: 21 fev. 2018.

HALL, Hadclyffe. *O poço da solidão*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

HIGHSMITH, Patricia. *O preço do sal*. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Mem Martins: Europa-América, 1984.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: Uma primeira abordagem. In: Seminário “Estudos sobre Mulher no Brasil – Avaliação e Perspectivas”. *Fundação Carlos Chagas*, 27 a 29 de novembro de 1990. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

IPÓLITO, Jéssica/Jész. Sobre. *Gorda e Sapatão*. Disponível em: <<http://gordaesapatao.com.br/sobre/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

JUDAR, Cristina. Literatura Lésbica: Tudo o que você sempre quis saber (mas não tinha a oportunidade de perguntar). *Reversa Magazine*, 10 de junho de 2016, n.p. Disponível em: <<http://www.reversamag.com/tudo-sobre-literatura-lesbica/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

LE FANU, Sheridan. *Carmilla – A Vampira de Karsnstein*. São Paulo: Hedra, 2010.

LEITE, Lettícia. Cassandra Rios: a Safo de Perdizes – Entrevista com Hanna Korich. *Blogueiras Feministas*. Publicado em 20 de abril de 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/cassandra-rios-a-safo-de-perdizes-entrevista-com-hanna-korich/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MADOWO, Larry. Kenya bans Rafiki a head of Cannes debut over lesbians cenes. *BBC News Africa*. Publicado em 27 de abril de 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-43922780>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MORE, Thomas. *Utopia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

NASCIMENTO, Tatiana. *Lundu*. 2. ed. Brasília/DF: Padê Editorial, 2017. Disponível em: <[https://palavrapreta.files.wordpress.com/2017/12/lundu\\_tatiananascimento\\_2ed.pdf](https://palavrapreta.files.wordpress.com/2017/12/lundu_tatiananascimento_2ed.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

NUNES, José. Como escreve Tatiana Nascimento dos Santos. *Como eu Escrevo*. Publicado em 18 de Março de 2018. Disponível em: <<https://comoeuescrevo.com/tatiana-nascimento-dos-santos/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

O TEMPO. Subjetividade da mulher negra na literatura. *O Tempo*. Publicado em 19 de julho de 2017. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/subjetividade-da-mulher-negra-na-literatura-1.1498846>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

REVISTA LÉSSICA. Disponível em: <<https://www.projetolettera.com.br/revistas/revista1.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, n° 06, 2010, p. 17-44. Disponível em: <[www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01\\_rich.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2017.

RIEDER, Ines e VOIGHT, Diana. *Desejos secretos: a história de Sidonie C.*, a paciente homossexual de Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROIZ, Diedra. A literatura lésbica e a internet. NOBRASIL. Publicado em 5 de dezembro de 2016a. Disponível em: <<http://nobrasil.co/literatura-lesbica-e-internet/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Publicações de literatura lésbica. NOBRASIL, 18 de fevereiro de 2016b. Disponível em: <<http://nobrasil.co/publicacoes-de-literatura-lesbica/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SCHWINDEN, Cristiane. LETTTERA – Literatura Lésbica, LGBT. Disponível em: <<https://projetolettera.com.br/index.php>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

SILVA, Alexander Meireles da. Introdução. In: LE FANU, Sheridan. *Carmilla – A Vampira de Karnstein*. São Paulo: Hedra, 2010.

SILVA, Deonísio da. *Nos Bastidores da Censura*. Sexualidade, literatura e repressão pós-64. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

VICENTE, Terezinha. Com a palavra, escritoras lésbicas. *Ciranda Internacional da Informação Compartilhada*. Publicado em 29 de agosto de 2010, n.p. Disponível em: <[http://www.ciranda.net/Com-a-palavra-escritoras-lesbicas?lang=pt\\_br](http://www.ciranda.net/Com-a-palavra-escritoras-lesbicas?lang=pt_br)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 44, n. 22, p.203-220, ago. 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ZAMIATIN, Eugene. *Nós*. Tradução Lia Alverga Wyler. Rio de Janeiro: Anima, 1983.